

A Tardel
08.03.91
1 6

Hali Tardel

Ainda não é a vez dos pobres

Num momento em que cresce assustadoramente a ocupação de áreas por invasores nos grandes centros urbanos, que não poupam viadutos, marquises, pontes e túneis, a reabertura dos financiamentos para a casa própria é um ponto positivo, não tanto porque quem mora nessas subabitações va ser beneficiado diretamente com as casas que vierem a ser construídas — o programa destina-se à classe média, com renda familiar superior a 15 salários mínimos, cerca de Cr\$255 mil —, mas porque o reaquecimento setorial da construção civil gerará empregos. Como muitos dos que ocupam invasões são trabalhadores sem especialização, que constituem a maior parcela dos absorvidos pela construção civil, o programa será benéfico, sob determinado aspecto, para os mais pobres.

Mas não será ainda desta vez que a construção popular, para quem percebe salário mínimo ou pouco mais que isso, terá oportunidade de ser realizada, reduzindo-se o clamoroso déficit que se observa no País e atinge, mais gravemente, as grandes cidades, não poupando regiões mais ou menos desenvolvidas, fazendo com que uma capital nordestina, como Salvador, não seja única em abrigar os pobres em viadutos, pontes etc., que, segundo dados da Prefeitura de São Paulo, tomam conta de nada menos de 201 desses locais na capital paulista. Para esses deserdados, que não são, necessariamente, mendigos, mas subempregados, pequenos assalariados que tiveram que deixar bairros penféricos para tentar sobreviver sob pontes ou em viadutos, o governo dos descamisados precisa voltar suas vistas. Para trocar o discurso pela autenticidade.